



DIÁRIO DE NOTÍCIAS	2 Agosto	DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

## O CALCANHAR DE AQUILES

### A euforia e o despropósito

Com o País de malas aviadas para um mês de Agosto de férias, assistimos aos primeiros passos de um novo Governo, limitado por um horizonte temporal e por uma fronteira de poderes dada pelo seu carácter específico de «preparador de eleições». Governo nascido para durar cem dias, o Executivo da eng.ª Maria Lurdes Pintasilgo surge, porém, com uma força anímica significativa e com um leque de personalidades de prestígio, que é reconfortante ver empenhadas no difícil processo político português. Quando muitos falam em termos de vingança ou de criticismo exacerbado em relação a tudo e todos, é importante que surja um Governo com prestígio e isenção apto a garantir que a Democracia não possa evoluir desgraçada e suicidariamente para o caminho dos confrontos e das lutas enfraquecedoras.

O nosso futuro não poderá ser feito negativamente, uns contra os outros ou na luta de vencedores contra vencidos. E temos de convir que foi por demais triste o espectáculo dos amuos e das birras a que se continuou a assistir em relação ao V Governo — como noutras alturas deste nosso atribulado processo político.

Mas caberá perguntar se acaso é lícito pensar que este é o mais presidencialista dos Governos ou que ele talvez venha para durar mais tempo do que aquele para que está vocacionado. Aqui temos de ser muito realistas dizendo que um Executivo de gestão teria necessariamente de ser o mais «tocado» presidencialmente, (o que não é o mesmo que presidencialistas), até porque essa seria sempre a forma mais realista de garantir legitimamente a isenção e a independência. A outra alternativa (inviável no nosso caso) seria um Governo de todos os partidos parlamentares, que teremos de convir que só serviria para complicar tudo ainda mais...

Quanto à segunda questão — a durabilidade governativa — tudo depende dos resultados eleitorais. Se a Aliança conseguir a maioria absoluta, para a qual se encontra lançada, com uma euforia adolescente e quicá leviana, pois nesse caso não haverá dúvidas que os actuais governantes recolherão a bandeira do novo Governo de Inverno, com as quais já andam sonhando... Se a Aliança ficar aquém da maioria absoluta dos lugares da Câmara (o que será provável), então ter-se-á de respeitar a Constituição e só no caso de as diligências governativas se protelarem no tempo, é que o Governo poderá ficar por mais uns tempos — mas só nesse caso.

O Governo não surge, deste modo, nem para lavar e durar, nem obedecendo a objectivos subreptícios e acéfalos (pessoalistas ou de grupo) que o passado e o presente provam que só levam à dilatação de certos equívocos que não nos levam a parte nenhuma.

Evidentemente que interessará aos detractores das instituições, do regime e da sua dignidade, lançar achas na fogueira, clamando aos quatro ventos que este é o «Governo da batota» e que esta é que é a maior justificação de futuros dissabores eleitorais — que alguns já começaram a vislumbrar nos horizontes... Cultivando um maquiavelismo vesgo e provinciano surgem assim grandes cortes de anões e pigmeus (de mentalidade) apontando com os dedos que os bons são uns e que os maus são todos os outros. «Commedia dell'Arte» ou tragicomédia, o certo é que assistimos assim, a algo de extremamente negativo que nos tem de obrigar a pensar profundamente.

No fundo para alguns o País só se salva se for comandado pela sua capelinha, não prestando nada do que venha de fora. Mas como poderá um país encarar a crise que o assalta na discussão interminável e interminada das pessoas e dos séquitos?

Sem obedecer a pressões ou a cortes a eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo escolheu um Executivo, que só o futuro nos dirá como se vai desempenhar das funções complicadas que lhe são cometidas. Esta realidade nua e crua que não pode ser iludida nem por análises interesseiras nem por locubrações oníricas. Só na base da análise do trabalho que for desenvolvido, será, assim, possível julgar o novo Executivo. Tudo o resto serão formas menores de actuação que não abonam nada em favor da seriedade dos processos daqueles que fazem a sua acção de sucessivos e constantes processos de intenção.

Com um primeiro-ministro talvez idealista (o que não é defeito para ninguém), mas honestamente consciente de que a democracia tem de ser vida e relação comunitária e de dignificação pessoal, não é lícito que alguém comece a chamar pelo regresso de Maquiavel e pela morte das utopias. As questões do mundo solucionam-se com os pés assentes na terra, mas os grandes projectos (cuja pluralidade é a força democrática) elaboram-se com os olhos postos no futuro — e isso é uma grande virtude que os pigmeus e os anões de mentalidade são incapazes de compreender.

O futuro dirá se o idealismo (positivo e salutar) da eng.ª Maria de Lurdes Pintasilgo irá prejudicar ou não a eficácia governativa. Só o tempo poderá, no entanto, responder a essa questão e por isso não gostaríamos de especular sobre o assunto...

Para já parece evidente que o prestígio intelectual e profissional dos novos ministros são um argumento importante. E talvez aconteça que a irresponsabilidade das críticas a priori de alguns políticos venha a virar-se rotundamente contra os seus actores — e já não seria a primeira vez...

Sem esperanças desmesuradas nem elogios despropositados parece-nos que o mais lúcido e sensato será aguardar e verificar com os próprios olhos que este não é o perigoso Governo do «militarismo presidencialista» ou do «socialismo africano» (expressão curiosa pela sua vacuidade e ignorância...). Uma coisa será certa: não teremos campanha eleitoral ministerial, nem promessas irresponsáveis.

Esperemos; preparemos serenamente o processo eleitoral, mas não se inventem razões para derrotas ou para lissabores, sobretudo quando se verifica que certas euforias doentias são por demais despropositadas...

Guilherme d'Oliveira Martins